

Clifford. Não terei perdido nada. Ao contrário. Terei tido uma agradável aventura — agradabilíssima!

Disse e espreguiçou-se reprimindo o bocejo. Depois:

— Se se serviu de mim, não é a primeira vez que isso me acontece — e nunca foi tão agradável como desta vez, embora nada lisonjeiro para a minha dignidade. Espreguiçou-se de novo com ternura dos músculos e as maxilas cerradas.

— Mas eu de nenhum modo me servi de você, protestou Constance em tom de súplica.

— Como Madame quiser.

— Não, não me servi. Seu corpo me atraiu.

— Realmente? Pois estamos pagos, porque também gostei muito do seu corpo, disse Mellors, olhando-a de modo estranho e sombrio.

E depois, em voz estrangulada:

— Quer subir ao quarto?

— Aqui, não. Hoje, não, respondeu Constance. Mas se ele houvesse feito a menor insistência teria cedido, porque não tinha força diante dele.

Mellors desviou o rosto e pareceu alhear-se.

— Eu quero tocar em você como você me tocou. Eu ainda não toquei em seu corpo.

Ele voltou-se para ela e sorriu.

— Agora?

— Não, não! Aqui, não. Na cabana. Deixa?

— Com que então eu a toco?

— Sim, acaricia-me.

— Muito — e você?

— Oh! Eu!

E mudando de tom:

— Sim, disse. Você sabe.

Constance levantou-se e apanhou o chapéu.

— Bom; tenho de ir-me.

— Vai mesmo?

Ela queria que ele a agarrasse, fizesse qualquer coisa; mas Mellors, nada. Apenas esperava polidamente.

— Obrigada pelo chá, disse ela.

— E eu tenho a agradecer a Madame a honra que me fez servindo-se do meu bule, foi sua resposta.

Constance desceu para o jardim, enquanto Mellors, na porta, ficava a sorrir vagamente. Flossie acudiu com a cauda erguida. Lady Chatterley caminhou em silêncio até à floresta, sabendo que ele lá estava a segui-la com os olhos, sempre com aquele sorriso irônico nos lábios.

Entrou no castelo desanimada e aborrecida. Por que havia ele dito que ela se serviu dele? De certo modo era verdadeiro, mas Mellors não devia dizer nada. E mais uma vez Constance ficou perplexa entre dois sentimentos contrários: rancor contra o amante e necessidade de reconciliação.

Depois do chá no castelo, que foi penoso e irritante, subiu; mas não sossegou. Tinha de fazer qualquer coisa. Tinha de ir à cabana; se ele não estivesse, tanto melhor.

Esgueirou-se para o parque e foi direito para a cabana, com ar sombrio. Ao alcançar a clareira sentiu-se terrivelmente perturbada. Lá estava ele em mangas de camisa, de cores diante das gaiolas, lidando com as ninhadas.

Constance aproximou-se.

— Está vendo como vim?

— Estou vendo, respondeu Mellors levantando-se e olhando-a com ar levemente divertido.

— Vai soltar as galinhas agora?

— Sim; ficaram tantos dias no ninho que estão só pele e osso. E nem têm vontade de sair para comer. O "eu" não existe numa galinha choca; dá-se inteira aos ovos e aos pintinhos. Pobres mães-galinhas! Que cegueira de amor materno ainda com ovos que não sejam seus! Um silêncio incômodo estabeleceu-se entre o homem e a mulher.

— Vamos para a cabana! propôs ele afinal.

— Está me querendo? disse Constance em tom de desafio.

— Sim, se você também me quiser.

Lady Chatterley entrou na cabana, cuja porta foi fechada, ficando o recinto imenso em completa escuridão. Mellors acendeu a lanterna.

— Já tirou a calça? perguntou depois.

— Sim, tirei.

— Pois também vou tirar a minha, disse ele, estendendo no chão as cobertas. Sentou-se, tirou os sapatos, as perneiras e desabotoou o culote de fustão.